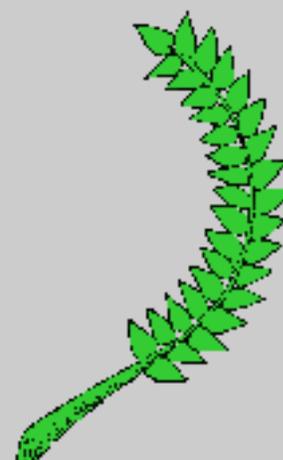
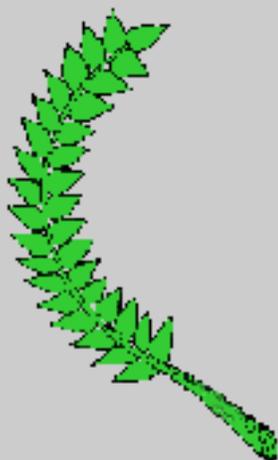


---

Coleção Arte Literária

Ensaio

A «Nova Evidência»  
& Os Árbitros  
Conservadores  
Da Elegância



*José Luis Ferreira*

Uma edição eletrônica não-comercial da

CASA DA CULTURA

---

# A «Nova Evidência» & Os Árbitros Conservadores Da Elegância

*de José Luis Ferreira*

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

---

## Copyright © José Luis Ferreira

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail [contatos@casadacultura.org](mailto:contatos@casadacultura.org)

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



José-Luis Ferreira

## A «NOVA EVIDÊNCIA» & OS ÁRBITROS CONSERVADORES DA ELEGÂNCIA

(notas para um ensaio sobre a filosofia da desordem mental activa)

A **nova evidência** tem uma idade obediente à dinâmica das coisas – que «são o que são e não aquilo que nós queremos que elas sejam»<sup>1</sup>. As coisas podem ser «não-coisas, segundo as coordenadas de um espaço teórico, ou adquirir morfologias classificadas em determinada disciplina das realidades práticas»<sup>2</sup>. Não se identificam exclusivamente segundo nomes de baptismo compreensíveis e «contêm números precisos de variáveis alógicas». «Correspondem e interagem segundo a mutação dos seus códigos e registos mutacionais que as personalizam, isolam, substituem, ou inter-relacionam», na frequência de «diversificações sistémicas raramente reconhecíveis, sensitivamente perceptíveis, e suspeitáveis, ainda que provocando estímulos experimentalmente assimiláveis, através de outros meios de apreensão cognitiva, que induzem leituras abstractas, perturbadas pelos universos paralelos dos estereótipos preconceptuais e das idiosincrasias gnósticas do Homem.

A **nova evidência** é um corolário do proto-existencialismo e do surreal-pontificado da psicanálise – desde a espionagem do pecado original até às sondas do subconsciente – que começou a ser cruelmente oposto<sup>3</sup> ao canonicismo ocidental das Belas Artes, na viragem oitocentista<sup>4</sup>.

A **nova evidência** nunca teve, verdadeiramente, muitos **evangelistas** do seu lado mental, nas sociedades conflituais<sup>5</sup>, que optaram por alternativas lúdicas<sup>6</sup> da organização militarista, na justiça marcial (como motor do progresso pela renovação demográfica), para constituir suportes do poder abstracto e para o estabelecimento de lógicas valorativas da divindade concretizada no prestígio pecuniário, segundo ópticas com expressão estatística forjada, com dimensões econométricas incoerentes<sup>7</sup> uma elevadíssima<sup>8</sup> taxa oculta de subjectividade, na avaliação erótica do prazer político e religioso, como doutrina de inspiração filosófica das ideologias e das leis, na Sociedade de Consumo<sup>9</sup>, em Mercado de Escala.

A **nova evidência** tem, portanto, permanecido paradoxalmente obscurecida por um limbo de alegre morbidez acentuada, enquanto a lógica fabulosa de todas as contemporaneidades geantropológicas prossegue a mobilização dos instintos do egocentrismo psíquico e a desviar o Homem do primado singular da lucidez intuitiva.

---

<sup>1</sup> aforismo modelar da atitude sensata que, segundo o meu pai, os homens deveriam assumir, para não sofrerem as «desnecessárias agruras da vida»

<sup>2</sup> preceito apócrifo de Jean-Jacques Grisard, 1970

<sup>3</sup> simultaneamente à Literatura, à Filosofia e à Música

<sup>4</sup> do século XIX para o século XX

<sup>5</sup> do convencionalismo institucional e dos bons costumes traditivos, da investigação neológica transdisciplinar, da pesquisa contestatária e da revolução interdisciplinar dos métodos

<sup>6</sup> como se, em qualquer época, se travassem idênticas batalhas quadradas, reproduzindo as glórias de Átila, discípulo do Império, e se repetisse o apaziguamento eficaz da estratégia diplomática Romana do 1º Milénio, administrando a falência da sua hegemonia com políticas de fusão tribal e alianças culturais

<sup>7</sup> mas credíveis e, conseqüentemente aceitáveis por apoiantes iletrados

<sup>8</sup> mas fiável junto de públicos desatentos

<sup>9</sup> protegida pelo binómio incompatível do Social-liberalismo

O estudo-livre de algumas fenomenologias sociohistóricas e psicossociais da Arte – ao qual me tenho dedicado marginalmente – tem motivações de origem epicúrea<sup>10</sup> que me fizeram abandonar o exercício profissional controverso da crítica e convergir as minhas atenções<sup>11</sup>, para outros vãos exploratórios<sup>12</sup> sobre as Artes Plásticas e Visuais, só eventualmente me permitindo ofender as fronteiras camufladas dos analistas comparativos e da sua argumentação pseudohistórica típica, de eruditismos nem sempre legítimos ou genuínos, de apreciações tão menos isentas quanto mais se reclamam de imparcialidade, revelando muito mais sobrançeria fundamentalista e auto-suficiência arrogante do que, própria ou propriamente, ausência de saberes comprometidos e informação contraditória.

A **nova evidência** teve a primeira consolidação pública localizada como um strip-tease juvenil<sup>13</sup> produtor de taumaturgos e avatares, com mundivivências mescladas de táticas perversas, traições oportunistas e gloriosas frustrações intelectuais, protagonizadas pelos hoje, senhores da guerra, num mundo caótico e fragmentado, que as gerações sobreviventes, desconhecendo o episódio sufocado pelas promoções mediáticas do Maio 68, assimilarão dificilmente, na virtualidade contextural e disjuntiva do globalismo aldeão e da informação útil, num tempo-real que apaga a noção de fuso horário no Mapa Mundi.

Mas a vestigialidade geohumana dessa **nova evidência** denunciaria muito mais remotas origens culturais, em civilizações-hiato, perdidas na arqueo-história, ou concebidas pelo onirismo e pela ficção, mesmo se nos circunscrevermos ao espaço artificial da cultura ocidental, de hegemonia europeia, xenófoba e radical, desde as cruzadas e do apostolado colonial, até ao limiar da constituição dos USA e ao dealbar das experiências nucleares<sup>14</sup> e das tecnologias da informação.

Observando a Arte como manifestação específica, ainda que não autónoma, da Cultura Humanística – tal como eu o faço há mais de trinta anos(?) – extraio uma pré-conclusão a que me permito atribuir o mais elevado grau de significância, sociológica e antropológico-cultural (como soe dizer-se), susceptível de fundamentação científica:

Quando – quase um século antes da descoberta das ondas hertzianas e da invenção das TSF's...– a evolução dos transportes e comunicações se encontrava ainda no estádio locomotivo pré-linha férrea<sup>15</sup>, as Belas Artes desempenhavam funções sociais pragmáticas e/ou praxísticas, paredes meias com necessidades predominantemente técnicas<sup>16</sup>, onde era norma a exclusão do talento inovador ou da simples adução de alguma solução não-tradicional inaceitável na cópia convencional do real, ou contava

---

<sup>10</sup> com predominância isolacionista

<sup>11</sup> o meu gozo de apreciação sensual

<sup>12</sup> procurando a semiologia das linguagens estético-comunicais, a sua ontogénese, conteúdo informativo e relação com a natureza da autenticidade/identidade da autoria «criativa» e suas possíveis codificações sinaléticas, simbolológicas e autopsicográficas, com a preocupação de determinar hipotéticos parâmetros de inserção num habitat cultural possível

<sup>13</sup> ingénuo e sem inocência nenhuma, com afirmação contestatária nas filosofias da incoerência, que germinaram entre as décadas de 50 a 70, teoricamente lideradas por Cohn-Bendit, em Paris e pelo dr. Leary, no Massachusetts

<sup>14</sup> incluindo Hiroshima-Nagasaki

<sup>15</sup> (e a distribuição da divulgação gráfica da informação – pela imprensa primária, a preto-e-branco – era elitista, circunscrita a públicos letrados e bem mais alfabetizados poético-literária e musical, do que decalógicamente (porque a Ciência não conquistara o seu espaço na hierarquia das dignidades culturais)

<sup>16</sup> na reprodução esquemática do mundo visível, na pedagogia, na ilustração, no descritivismo e/ou na fixação de imagens virtuais (com o sentido utilitário mais crónico e espartano; promoviam a notoriedade e legavam à história registos visuais de ambientes e rituais, do traje-vestuário, hábitos e costumes, retratavam figuras lendárias, de promoção social e mítica exemplaridade política e religiosa, ou exibiam-se, na prática do adorno decorativo, objectualmente atávico e submisso a uma clientela supremazia na ditadura dos gostos requintados, imitativos ou seguidistas de modas, padronizadas e prescritas por árbitros de elegância social (como os opinion makers e opinion leaders de hoje gostariam de parecer ser... no prestígio qualificado, como na «opinião pública»).

com protecção crítica e louvor de estilo dos connaisseurs e amateurs, ou era exclusora do reconhecimento da carreira artístico-profissional do autor e bania-o do mecenato, por desrespeitar os cânones e o *modus faciendi* tradicional do ofício...

Apesar das profundas mutações do cenário cultural das Belas-Artes Plásticas, nunca foi possível saber-se, bem ao certo, o que é Arte e não é Arte. Apesar de proliferarem as escolas públicas e privadas onde é ensinada e inflacionariamente *ipso facto* aprendida.

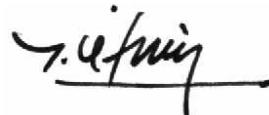
De todas as suas inúmeras e, por vezes diametralmente antagónicas definições, nenhuma é intemporal e universalmente válida, sintética, e aceite por suficiente. Elas são, na sua maioria, constituídas por fraseados complexos e estereótipos literário-filosóficos, por menos tendencialmente especulatórios que pretendam ser. A Técnica e a Estética, ainda que numa acepção (etimologicamente apenas) aceitável, são termos indissociáveis na expressão intercomplementar de um conceito básico-elementar e generalista, todavia essencial – segundo o meu entendimento próprio, pretendidamente sério e preocupado – de Arte.

...com o aparecimento explosivo da Fotografia<sup>17</sup>, pode constatar-se o início de uma verdadeira revolução socioprofissional e cultural, que propõe a irradicação dos modelos canónicos tradicionais e o extermínio gradual e progressivo do império convencional da escolaridade oficial obrigatória dos Artistas Plásticos e a generalização pública da formação boémia noctivagante dos criadores de imaginário, reaproximados dos poetas, dos inventores e dos pesquisadores de outros universos.

É por demais recentemente óbvio que, com a **nova evidência** se viria a perceber que **o bom-gosto não tem receita**. Passou, inclusive e admitir-se que as cores, a luz e as formas da natureza nunca andaram à ordem do saber, fosse sob o jugo dos lentes das universidades católicas, ou sob a ameaça dos comandos guerrilheiros do pensamento contraditório, provincial, ascético ou urbano, da sabedoria laica, ou do bairrismo provinciano tão facilmente conquistado pela publicidade comercial como pela repositura da dialéctica funcional da Arte Social que não sendo a única e verdadeira está enfeudada aos óculos do comunismo militante porventura até de gente como o Gregori Plekanov falecido nos primeiros anos do século, quer fossilizada como o Aristóteles e o Platão. Porque as cores, a luz e as formas da Natureza são mais do que tudo quanto existe sensitivamente e nem tudo (quase nada!) se vê, se faz e discute, com o uso exclusivo dos olhos, das mãos e da voz do Homem. Há infinitos de ignorância e saberes desconhecidos, na eloquência do silêncio (que é de ouro, segundo a tradição maometana).

A **nova evidência** é, em qualquer sentido, tão caquética como todas as novas desordens amorosas, em qualquer período de ruptura do pensamento crítico, quando mais se reclamam urgências de intervenção autoritária, propugnando a revisão oficial da Verdade e dos valores epistemológicos e teológicos, sistemática e absoluta(mente) ultrapassados pelo *software biocybernético* singular de qualquer entidade humana viva, dotada, por condição *sine qua non* de consciência ética individual, quando superados os medos das penas infernais e a decadência fisiológica é irrecusável, perante a inevitável proximidade da morte. [...]

extracto restaurado de fragmento de um texto ensaístico de 1989



Caramulo, em 1999-12-08

---

<sup>17</sup> v. os m/ ensaios de 1997/88!

## O AUTOR:

**José-Luis Ferreira** nasceu em Viseu, 1938. Sociólogo, escritor, investigador de arte, gestor e consultor de empresas. Estudou em Paris<sup>1</sup>, (e estagiou<sup>2</sup> em) Bourges<sup>3</sup>, Orléans<sup>4</sup>, Bruxelas<sup>5</sup> e Anvers/Antuérpia<sup>6</sup>. Foi professor-convitado (investigador e docente), em cursos de pós-graduação universitária<sup>7</sup>. Dedicou-se, desde a década de 70, a projectos de *marketing-creative* e promocional, de planeamento e gestão empresarial, estudos de *corporate image*, publicidade institucional e *advertising* promocional, em serviços e novos produtos (bens duradouros e de grande consumo)<sup>8</sup>. Tem exercido cargos de administrador, gestor e consultor técnico<sup>9</sup> em empresas de estudos socioeconómicos e em sectores empresariais (ramos imobiliário, turístico e transportes), tendo participado em vários conselhos de administração<sup>10</sup> de sociedades anónimas, como responsável por pelouros de áreas de gestão technicoeconómica e financeira, relações públicas e negociais. Tem vindo a participar (como coordenador, técnico superior<sup>11</sup> e consultor) em equipas pluridisciplinares, para estudos de projecto em áreas diversificadas: *turismo de espécie e cultural, infraestruturas de urbanoturismo*, tecnologia industrial, científicas culturais. Tem desenvolvido várias iniciativas e eventos culturais e estudos de investigação (como crítico, promotor, escritor e divulgador de arte<sup>12</sup>), intervindo em peritagens e como membro de júris em concursos, no país e estrangeiro. Exerceu funções de adjunto e assessor em gabinetes ministeriais, participou em comissões do Governo (após 1975<sup>13</sup>) e foi diplomata<sup>14</sup>, nos Países-Baixos. Autor de artigos, ensaios, palestras, conferências, monografias e prefácios em catálogos de centenas de exposições de artistas plásticos contemporâneos, participou e interveio em congressos, simpósios e diversos júris de Colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Vasta bibliografia (poesia e ficção) editada<sup>15</sup> e inédita. Colaboração esparsa (na imprensa<sup>16</sup> regional e diária, revistas especializadas, rádio e TV<sup>17</sup>).

Membro, entre outras, das Instituições: *Sociedade Portuguesa de Ciências Sociais e Humanas, Sociedade de Língua Portuguesa, ANAP-Associação Nacional dos Artistas Plásticos*<sup>18</sup>, dos Comitês de Portugal para a AIAP- Association Internationale des Arts Plastiques (UNESCO) e *Luso-Galaico para o Desenvolvimento Cultural* e do *Círculo Cultural e Artístico Artur Bual, Ass. Les Amis de Marcel Gili, etc.*

e-mail: [alcoba@netc.pt](mailto:alcoba@netc.pt)

---

<sup>1</sup> *Sciences Sociales* (UCP Hum.) | 1961-65

<sup>2</sup> bolseiro do Estado, da Fund. Calouste Gulbenkian, da JTCS, da S. C. C. e outras instituições mecenáticas

<sup>3</sup> tese (Dr<sup>at</sup>) *Intégration des Arts dans l'Architecture des Sociétés Occidentales Contemporaines* (patrono Prof. H.Malvaux) ENSBAAI | 1966

<sup>4</sup> Assistente do prof. Marcel Gili (Sc.Sociales appliquées. *Sociologie de la sculpture P<sup>th</sup>*) | 1964-67

<sup>5</sup> Institut du travail (ULB Mast<sup>er</sup>.) 1971

<sup>6</sup> Gestion et Planification du *Développement Economique* (lic./M<sup>ter</sup>P<sup>h</sup>c) | 1970

<sup>7</sup> ant.º Instituto de Orientação Profissional / U.L. (cad.<sup>ras</sup> de Sociologia I e II e Estruturas Socio-Económicas) e de pós-graduação (Sociologia da Comunicação) in *Cursos de Formação on job*, da RTP - IEFPP | 1976-77 e 1993

<sup>8</sup> Investigação e pesquisa de mercado, estudos, criação e planeamento estratégico em campanhas publicitárias para os *massmedia* (*copywriter sénior e Director Criativo*), em agências de publicidade nacionais e estrangeiras: SPSP - Serviço de Publicidade Suiço-Português, Ltd./ Publicis, sa/ Mc Cann Erikson, sa/ Promo-NCK, sa | 1970-76

<sup>9</sup> Agrinco, sarl / Transitum, Ltd / Probeta, sarl / OPL- urbanisme, architecture, architecture d'intérieurs et décoration / Pref.67/ Calorel,sarl / Silux,Ld./Gab.Est.Engº.AlmeidaGarrett/DeltaFoods,Ltd/Interfina,SA/GrupoCentreI-EID,SA/Hidroterra,Ld/ATISO/Socovias,sarl/Tecnobrita,Ltd/ Pereira Costa Ld./Grº.Terrazul-Sulpedras / EECOG, Ld. / Arca-Filme / Zoom'out / Vilamoura-LeClub/Compta-RH / Civiconsult,Ltd / Tabaqueira,sa / Operação Capital / etc.|1997-2000

<sup>10</sup> Aga, Editora,Ld./ Turisbel,sarl (Óbidos)/ Urbanitel,sarl / Soc.Com. Guérin,sa / InterRent (gmbh) /Grutas Sra. do Cabo, sa (Sesimbra)| 1979-95

<sup>11</sup> quadro superior da Expo'98: Análise-Coordenação|Planeamento Estratégico/D-G.Operações (1997-99), Consultor actual Mkt & Gestão | 2002

<sup>12</sup> autor de estudos monográficos, de vários artigos publ. em livro e na imprensa diária e revistas culturais e de especialidade, de prefácios em catálogos, palestras e conferências, comunicações em simpósios e congressos, em Portugal e no estrangeiro | 1961-2002

<sup>13</sup> Ministério da Agricultura e Pescas (Assessor e Adj. do Minº), Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria e Subsecretaria de Estado da Comunicação Social: *Comissão de institucionalização INOP- INEO(Vice-Pres.)* | Gab. Estudos de Opinião ( *Dir.Serv.*) | 1976-78

<sup>14</sup> Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Adido de Imprensa/Cons.Cultural Embaixada de Portugal em Den Haag-Paises Baixos*) | 1979-80

<sup>15</sup> Livros inéditos (11) editados (6 títulos|11 vols. Editores: IPM-MA, Aveiro, Polígono, Porto Universitária Editora) *aut.div.* prefácios e posfácios

<sup>16</sup> desde 1953 (Director da revista ARTE da Sociedade Nacional de Belas Artes 1962/64) últimas publicações in «Espaços», «Casa & Jardim» e Jornal «Artes&Artes» | 2002

<sup>17</sup> RTP (Prod.Ass.1970-71), WDR "Ihre Heimat, Unser Heimat – Soziale Politik & Kulture!" 30 progrs.(*Report Research Cultural Advisor*) | 1982-86

<sup>18</sup> Presidente do Conselho de Parecer Profissional (mandatos suc.<sup>vos.</sup>, desde 1995, até 2003 Dezembro) | 2002

---

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

---

Conheça nossa seção especial:



o portal do Romantismo Brasileiro e Mundial,

onde você encontra gratuitamente e sem propaganda:

publicações, e-books, downloads, consultas on-line, resumos, biografias, bibliografias, artigos.

---

[romantismo.org](http://romantismo.org)



Diretor Geral

[André Carlos Salzano Masini](#)

[casadacultura.org](http://casadacultura.org)

